



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

dezembro | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, as temperaturas máximas diárias situaram-se grande parte dos dias superiores ao valor médio para a época. Apresentaram-se mais elevadas na primeira metade do mês e foram diminuindo gradualmente, sem registo de grandes oscilações térmicas diárias. As temperaturas mínimas também foram diminuindo ao longo do mês, tendo apresentado maior instabilidade nos valores diários. Durante a segunda quinzena, na maior parte dos dias a temperatura mínima situou-se abaixo de 7°C, inferior ao normal para a época.

As amplitudes térmicas diárias ao longo do mês não foram significativas.

O mês foi pouco luminoso, tendo decorrido principalmente com dias de céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade. Houve alguns dias de céu pouco nublado ou limpo, principalmente na segunda quinzena.

Ao longo do mês, foram frequentes os dias com formação de neblina ou nevoeiro, tanto junto ao litoral como em zonas de vales e terras baixas.

Os dias decorreram principalmente com vento fraco a moderado, tendo soprado por vezes com maior intensidade junto ao litoral.

Foram frequentes os dias com ocorrência de precipitação, principalmente sob a forma de períodos de chuva e de aguaceiros, que foram por vezes fortes. Pontualmente foram acompanhados de trovoada e por queda de granizo. No final do mês os valores da precipitação acumulada eram significativamente superiores ao normal para a época.

Com a precipitação ocorrida, os níveis de água no solo, que já se apresentavam elevados, continuaram a aumentar. No final do mês os concelhos da região encontravam-se totalmente à capacidade de campo, índice CC (>99).

Ao longo do mês a disponibilidade hídrica foi elevada para as culturas e para o abeberamento de animais. Os volumes de armazenamento das reservas de água superficiais, registaram um aumento face ao mês anterior e encontravam-se bastante acima do normal para a época. As reservas de água subterrâneas também apresentavam níveis superiores ao normal para a época.

As condições do tempo limitaram muito a realização das operações agrícolas no campo, designadamente de colheitas, lavouras, sementeiras, podas, adubações e tratamentos fitossanitários. Na cultura do arroz, deu-se a colheita por concluída, tendo permanecido alguma produção no campo, que se perdeu devido à precipitação frequente. O excesso de água no solo e a precipitação impossibilitaram a circulação de máquinas agrícolas, impedindo a realização das lavouras e das sementeiras das culturas forrageiras anuais e dos cereais praganosos de outono-inverno. Impediram também a realização de adubações nas sementeiras realizadas em outubro. As podas de inverno nas vinhas também foram bastante limitadas pelas condições do tempo, que não permitiram a sua realização com normalidade, tendo sido muitas vezes interrompidas. As baixas temperaturas que se registaram deram um bom contributo na contabilização de horas de frio inferiores a 7,2°C, necessárias para as culturas permanentes, principalmente pomares de fruteiras e vinhas, que se encontravam já em repouso vegetativo e a beneficiar dessa acumulação. As horas de frio registadas no mês marcam um ponto positivo na perspetiva do próximo ciclo produtivo, em concreto das pomóideas e prunóideas, por terem maior exigência em número de horas de frio acumuladas para uma floração regular. A precipitação e a ausência de geada, foram favoráveis para os pomares de limão.

As temperaturas baixas e a precipitação abrandaram o ritmo de desenvolvimento do olival. Nas hortícolas de ar livre, designadamente nas couves, devido ao excesso de água no solo, o desenvolvimento vegetativo das culturas decorreu mais lento e houve quebra de produtividade causada pela formação de couves de menor dimensão. Ocorreram também perdas de produção, com algum significado, resultantes da morte de plantas por asfixia radicular. Devido às condições meteorológicas a oferta de couves no mercado foi menor, inferior à procura, apresentando uma qualidade razoável. As condições do tempo também prejudicaram a produção de cenoura. Nos terrenos com pior drenagem, o excesso de água no solo levou ao desenvolvimento de podridão, com perda de produção. Nos terrenos bem drenados, a cenoura colhida apresentava boa qualidade. Durante o mês a relação entre a oferta e a procura de cenoura manteve-se equilibrada. Nas hortícolas em estufa, as culturas decorreram de forma habitual para a época, tendo havido colheita de tomate, pepino e courgette, cuja produção apresentava boa qualidade. Os dias mais curtos conduzem ao término dos ciclos produtivos, nomeadamente do tomate e do pepino.

No **Médio Tejo**, as temperaturas, tanto máximas quanto mínimas, apresentaram uma redução gradual ao longo do mês. Os níveis de precipitação e humidade continuaram elevados, contudo um pouco menores do que no mês precedente. Comparativamente aos valores normais para a época, verificou-se a temperatura máxima ligeiramente superior e a temperatura mínima inferior, de acordo com os registos da estação meteorológica de Alvega.

As amplitudes térmicas foram pouco significativas durante o mês, em ambas as estações meteorológicas.

Os dias estiveram predominantemente com o céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade. Contudo, nos últimos dias do mês o céu manteve-se pouco nublado ou limpo.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado.

O mês foi marcado por muita chuva, com períodos de maior intensidade sobretudo na segunda e terceira semanas. A precipitação acumulada ultrapassou ligeiramente os valores normais para a época.

O teor de água no solo no final do mês registou um aumento significativo na região face ao mês anterior, situando-se maioritariamente à capacidade de campo, índice CC (>99). Nos concelhos de Abrantes, Torres Novas, Tomar e Ferreira do Zêzere verificavam-se algumas manchas situadas no índice CC [81, 99].

Na região as reservas de água superficiais apresentaram níveis elevados, garantindo boa disponibilidade para as culturas e para o abeberamento dos animais.

Quanto à influência do tempo nas culturas, a frequente e algumas vezes forte precipitação ocorrida na região ao longo do mês impossibilitou a instalação dos cereais praganosos, em especial de trigo mole e de aveia, cujas áreas semeadas pouco ou nada evoluíram face ao mês anterior. Os solos estavam excessivamente encharcados, impossibilitando o acesso e a circulação de máquinas agrícolas. Nos olivais tradicionais, as baixas temperaturas associadas à forte precipitação registada em dezembro, reduziram a taxa de crescimento e de novas rebentações das oliveiras. O excesso de água no solo e/ou diminuição da sua temperatura, com regularidade no mês, provocou nos olivais mais produtivos e localizados em solos desequilibrados e/ou mal drenados, descoloração foliar por carências ou desequilíbrios nutricionais, favorecidos por alguma asfixia radicular pontual. Nos olivais intensivos de regadio, o tempo quente e seco do ano, sobretudo durante a fase de crescimento dos frutos em setembro e outubro, contribuíram para manter as azeitonas saudáveis até mais tarde. Houve pouco ataque da mosca e menor incidência de gafa, o que se refletiu em rendimentos superiores. As condições climáticas registadas este mês não tiveram impacto nos olivais, que já se encontravam em repouso vegetativo.

Nos citrinos, particularmente no limão, as baixas temperaturas e a geada registadas na região afetaram os rebentos jovens, que apresentaram sinais de queimadura. Nas vinhas, no geral, as condições de tempo não foram favoráveis às operações de pré-poda, aguardando-se uma melhoria no próximo mês de forma a dar continuidade a essas práticas agrícolas. Com as condições climáticas registadas ao longo do mês, em especial pela chuva frequente e excessiva em algumas zonas da região, a maior parte das pastagens têm-se mantido alagadas e com um crescimento vegetativo lento.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas e mínimas foram descendo gradualmente ao longo do mês. Os níveis de precipitação e humidade mantiveram-se elevados, embora ligeiramente inferiores aos do mês anterior. Comparativamente aos valores normais para a época, em ambas as estações, a temperatura máxima foi superior e a temperatura mínima inferior, com maior significado na estação meteorológica de Coruche.

As amplitudes térmicas registadas em ambas as estações foram pouco significativas durante o mês.

Os dias decorreram principalmente com céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade. Ao final do mês, ocorreram alguns dias com céu pouco nublado ou limpo. Foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal em algumas zonas de vales de rios e terras baixas.

Na maior parte dos dias a intensidade do vento foi fraca a moderada.

A precipitação acumulada durante o mês foi muito superior à normal para a época. A mesma ocorreu de forma frequente, principalmente sob a forma de períodos de chuva e/ou aguaceiros, por vezes fortes e pontualmente acompanhados de trovoadas e granizo. Com as baixas temperaturas noturnas houve alguma formação de geada.

No final do mês o teor de água no solo apresentava-se superior ao verificado no mês precedente. Toda a região estava totalmente à capacidade de campo, índice CC (>99), com exceção de algumas áreas nos concelhos da Chamusca e de Coruche, situadas no índice CC [81, 99].

No final do mês as reservas de água superficiais eram superiores às verificadas no mês anterior, apresentando níveis de armazenamento bastante acima do normal para a época. As reservas de água subterrâneas também registavam níveis superiores ao normal para a época. Houve disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, as condições foram desfavoráveis para a finalização da colheita das culturas de primavera-verão que se arrastaram até muito tarde. O excesso de precipitação, atrasou a colheita do milho, a qual não estava ainda completamente concluída no final do mês. A qualidade do grão também ficou prejudicada, com menor peso específico. Alguns campos não foram totalmente colhidos, devido ao excesso de humidade e apodrecimento do grão, com consequentes perdas de produção. Os custos de secagem aumentaram com os níveis elevados de humidade do grão. A produtividade obtida neste mês foi baixa. No arroz, a precipitação prolongou a maturação dos grãos, atrasando o final da colheita, tendo sido dada por concluída apenas a meados do mês. Ocorreu perda total de produção em algumas searas, por não colheita. Relativamente às culturas de cereais praganosos de outono-inverno, a precipitação e o excesso de humidade no solo inviabilizaram a preparação dos terrenos e a realização de sementeiras. As baixas temperaturas favoreceram o repouso vegetativo e a contabilização de horas de frio necessárias às culturas permanentes. Nos olivais, a precipitação ocorrida ao longo do mês atrasou a finalização da colheita. Nos citrinos, designadamente na laranja, a precipitação elevada e humidade fomentaram o surgimento de fungos.

A geada, que ocorreu em zonas mais baixas, causou prejuízos nos pomares de citrinos. As pastagens e culturas forrageiras apresentaram um desenvolvimento mais lento do que o normal ou ficaram mesmo estagnadas devido ao excesso de água nos solos. Esta situação não permitiu a realização dos primeiros cortes. Pontualmente verificaram-se alguns sinais de asfixia radicular, com plantas amarelecidas.

Na **Grande Lisboa**, o mês apresentou características meteorológicas típicas de inverno, com predominância de temperaturas amenas para a época e um regime pluviométrico ativo, apesar de alguns períodos de frio mais pronunciado, refletindo a influência de massas de ar mais frias. Estas temperaturas refletem um padrão de inverno moderado, sem ocorrências extremas.

Os dias foram maioritariamente muito nebulados ou encobertos, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira e junto ao rio Tejo.

Próximo do final do mês observou-se vento ocasionalmente mais forte, associado a perturbações atmosféricas.

Ao longo do mês, houve vários sistemas frontais que trouxeram precipitação frequente à região, tanto em forma de aguaceiros como períodos de chuva contínua, contribuindo para uma humidade elevada do solo.

A humidade relativa média do ar foi muito elevada ao longo do mês.

No que se refere aos valores do teor de água no solo no final do mês, todos os concelhos da região encontravam-se à capacidade de campo, índice CC (>99).

No final do período em análise, o estado das linhas de água, bem como os níveis de armazenamento de águas superficiais e subterrâneas (aquíferos), encontravam-se acima dos valores médios expectáveis para a época, assegurando uma boa disponibilidade de recursos hídricos na região.

Relativamente à influência do estado do tempo, a precipitação intensa registada no período em análise comprometeu a realização das sementeiras das culturas forrageiras e dos cereais de outono-inverno, bem como adubações e aplicação de herbicidas nos terrenos semeados, em consequência da impossibilidade de circulação de máquinas agrícolas na maioria dos terrenos, os quais se encontravam encharcados. Nos campos que haviam sido semeados e fertilizados durante os meses de outubro e novembro, a ocorrência de precipitação excessiva promoveu fenómenos de lixiviação do solo, comprometendo a disponibilidade de nutrientes para as plantas e podendo afetar negativamente o desenvolvimento inicial das culturas. Na cultura da vinha, decorreram as operações de poda de inverno, as quais se prevê que estejam concluídas até ao final do mês de fevereiro, com o objetivo de preparar as plantas para o abrolhamento esperado para a terceira semana de março, em função das condições climáticas da região. No que concerne às pereiras, deu-se continuidade à época de poda, uma vez que a maioria das árvores já se encontrava em avançado estado de queda foliar. De um modo geral, os pomares apresentaram uma quantidade adequada de gomos florais, indicativa de um potencial produtivo satisfatório para a campanha seguinte. Contudo, o encharcamento persistente dos solos dificultou as operações de remoção e transporte da lenha proveniente de ramos afetados pelo fogo bacteriano, condicionando a sua eliminação por queima, conforme as práticas fitossanitárias recomendadas. No olival, as condições meteorológicas registadas durante o mês, caracterizadas por baixas temperaturas associadas a episódios de precipitação intensa, condicionaram negativamente a taxa de crescimento vegetativo e a emissão de novas rebentações nas oliveiras da região. Verificou-se, com frequência, excesso de água no solo e diminuição da sua temperatura, fatores que afetaram sobretudo os olivais com maior carga produtiva, instalados em solos desequilibrados e/ou com deficiências de drenagem.

Nestas situações observaram-se sintomas de descoloração foliar, associados a carências ou desequilíbrios nutricionais típicos de solos sujeitos a encharcamento, potenciados por episódios pontuais de asfixia radicular. A ceifa dos arrozais foi dada por concluída, embora tenha sido significativamente condicionada pela ocorrência de precipitação. Em algumas áreas, que permaneceram encharcadas, não foi possível proceder à colheita, uma vez que as plantas de arroz se encontravam submersas. A produtividade apurada revelou-se muito baixa, associada a uma qualidade igualmente reduzida do grão, situação atribuída sobretudo ao ciclo vegetativo incompleto da cultura. Este facto resultou, em grande medida, da realização de sementeiras tardias, fora do período considerado normal para a cultura, o que impediu o seu desenvolvimento fisiológico adequado. No balanço global da campanha, o ano foi considerado desfavorável para a cultura do arroz, em virtude das limitações impostas pelas condições edafoclimáticas, que condicionaram a instalação atempada da cultura e comprometeram a normal progressão do seu ciclo produtivo. Relativamente aos preços pagos ao produtor, e conforme já referido em relatórios anteriores, apesar de nesta campanha se registarem valores ligeiramente superiores aos do ano transato, estes mantêm-se baixos e insuficientes para compensar os elevados custos de produção associados à cultura, bem como para assegurar competitividade face ao arroz importado de países terceiros, nomeadamente da América do Sul e da China.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram em geral um comportamento irregular ao longo do mês, com tendência decrescente e valores acima do normal para a época até meados do mês. As temperaturas mínimas registaram a partir do final da primeira semana um decréscimo mais acentuado que as máximas e valores acima do normal para a época até meio do mês. De salientar o registo de temperatura negativa no dia 26 na estação de Pegões.

As maiores amplitudes térmicas foram registadas no início e no final do mês.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado, com alguns dias de céu pouco nublado ou limpo em meados e no final do mês. Ocorreu neblina matinal casualmente, mais frequente em meados do mês.

O vento soprou em geral fraco a moderado, por vezes forte, com registo de rajadas de maior intensidade em meados do mês.

Dezembro decorreu muito chuvoso na região. O total de precipitação mensal foi ligeiramente superior ao normal para a época.

O teor de água no solo aumentou significativamente face ao mês anterior. A precipitação ocorrida na segunda semana e ao longo de praticamente todo o mês favoreceu a retenção e a disponibilidade de água no solo, sendo notória a situação de grande abundância e mesmo de encharcamento de muitos solos agrícolas, bem como o aprovisionamento de água nas barragens e aquíferos subterrâneos.

No final do mês todos os solos da região estavam à capacidade de campo, índice CC (>99). De salientar que esta situação era muito diferente da ocorrida no mesmo período no ano anterior, em que se registaram valores de precipitação muito baixos.

Face à favorável situação hídrica dos solos, não se verificaram situações de escassez de água para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, os baixos valores das temperaturas mínimas que ocorreram principalmente na segunda quinzena, favoreceram a dormência nas culturas permanentes, nomeadamente a nível da vinha e fruteiras, fator fundamental para que ocorra posteriormente o abrolhamento com sucesso e início do ciclo vegetativo. Nas tangerineiras as condições climáticas favoreceram uma evolução normal da cultura, permitindo uma maturação progressiva dos frutos.

Os elevados valores de precipitação que se verificaram ao longo do mês foram propícios ao desenvolvimento da vegetação espontânea nas pastagens temporárias e permanentes, mas também de muitas infestantes na generalidade das culturas. Muitos solos permaneceram encharcados ao longo do mês, inviabilizando a entrada de máquinas agrícolas nos terrenos, impossibilitando a sementeira de cereais praganosos de outono-inverno, bem como dificultando as intervenções nas vinhas, a nível de podas e o controlo de infestantes, nas culturas em geral. No que diz respeito à cultura da batata, no final do mês as sementeiras já deveriam estar iniciadas. Apesar de os solos da região serem arenosos, não se encontravam em condições para a realização das sementeiras.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



**Fitossanidade: pragas e doenças;
intensidade e frequência dos ataques;
oportunidade e eficácia dos
tratamentos efetuados; prejuízos causados
para além do normal**

Oeste

Os pomares de pomóideas (peras e maçãs) encontravam-se em repouso vegetativo. As podas sanitárias para conter a propagação do fogo bacteriano continuaram a ser realizadas durante o mês nos pomares de pera Rocha, com remoção de material vegetativo infetado para reduzir o inóculo da bactéria. A disseminação e a intensidade com que a doença se vem manifestando na região, já causaram elevados prejuízos e perda significativa da área produtiva e do potencial produtivo das áreas atingidas, devido a arranques e/ou realização de podas sanitárias, muitas vezes severas. Tem havido um grande esforço e uma boa adesão dos produtores a estas intervenções nos pomares, principalmente ao nível da produção organizada, as

quais são promovidas e orientadas pelos técnicos das organizações de produtores. Os agricultores encontram-se bastante preocupados com os elevados custos financeiros das operações de limpeza sanitária dos pomares e consideram que seria de relevante interesse a criação de uma linha de apoio para ajudar a suportar estas despesas.

Na vinha, a precipitação frequente dificultou a realização de tratamentos fitossanitários de inverno para desinfeção das partes lenhosas e troncos após as podas e para eliminação de fungos e pragas adormecidas, os quais devem ser aplicados com tempo seco.

Nos pomares de limão, devido à precipitação frequente houve dificuldade em realizar os tratamentos necessários para proteção do mildio. Contudo, os pomares em geral encontravam-se saudáveis e a beneficiar dos tratamentos realizados em outubro.

No olival, as condições climáticas não favoreceram o desenvolvimento ou instalação de novos focos de doenças outonais, não se tendo justificado a realização de tratamentos fitossanitários.

Nas hortícolas de ar livre, ocorreram os problemas fitossanitários habituais para a época, destacando-se a presença de bactérias nas couves, principalmente *Xanthomonas*, devido às condições de temperatura e humidade. Houve necessidade de realização de tratamentos para a doença, a qual provoca lesões nas folhas, que evoluem para necrose e apodrecimento, afetando o desenvolvimento da planta e a produção.

Nas hortícolas em estufa, na cultura de tomate continuaram a verificar-se focos de *Botrytis* ou podridão cinzenta, de média intensidade. Trata-se de uma doença fúngica que se desenvolve em condições de elevada humidade e de temperaturas amenas. Provoca manchas aquosas castanhas nas folhas, flores e frutos, cobertas por um mofo cinzento, podendo levar à podridão e murcha da planta. Nas culturas de pepino e de courgette verificaram-se focos de oídio, de baixa intensidade, que

causa manchas brancas pulverulentas nas folhas, prejudicando a fotossíntese e a produção. Foram realizados tratamentos fitossanitários para os problemas identificados, que se revelaram eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos citrinos, em especial no limão, não se identificaram situações com significado relevante neste mês.

Nos olivais, no geral as condições climáticas que se registaram durante o mês de dezembro não favoreceram o desenvolvimento ou instalação de novos focos de doenças outonais, pelo que não se justificou a realização de tratamentos fitossanitários. Conclui-se que foi uma campanha sem ocorrências fitossanitárias relevantes.

Nas vinhas para vinho, efetuaram-se em dezembro alguns tratamentos fitossanitários pós-colheita.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, devido aos níveis elevados de humidade mantiveram-se as condições para o desenvolvimento de fungos, como o mildio, a podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*) e a antracnose. Durante o mês foram efetuados tratamentos fitossanitários, prevendo-se novos tratamentos em janeiro, logo que o estado de tempo o permita.

Nos olivais, não se verificaram focos de pragas ou doenças que justificassem intervenção.

No milho, quase a terminar a colheita, continuaram-se a registar estragos provocados pelos javalis. Também continuaram a verificar-se os problemas fitossanitários identificados no mês anterior, designadamente, a presença de figueira do inferno (*Datura stramonium*), assim como, a deteção de micotoxinas (aflatoxinas e fumonisinas) devido à presença de fungos associados aos níveis elevados de humidade.

Grande Lisboa

As culturas perenes encontravam-se em fase de dormência vegetativa, enquanto a maioria das pragas se apresentava no estágio hibernante, não tendo sido identificadas ocorrências relevantes do ponto de vista fitossanitário ao longo do mês em análise. Não obstante, nos limoeiros as condições climáticas mantiveram-se favoráveis ao desenvolvimento do mildio, tendo sido efetuados tratamentos fitossanitários à base de cobre sempre que as condições meteorológicas o permitiram, situação que se verificou apenas em períodos pontuais devido à elevada instabilidade climática. Paralelamente, as temperaturas amenas registadas favoreceram o aparecimento de sintomas iniciais de alternariose, provocada por *Alternaria alternata*, bem como de septoriose, associada a *Septoria citri*, sobretudo em pomares com maior densidade vegetativa e condições de humidade persistente.

Península de Setúbal

À semelhança do mês anterior, com as reduzidas temperaturas verificadas principalmente na segunda quinzena e a ocorrência de precipitação em abundância ao longo do mês, coincidente com a fase de dormência das culturas permanentes, não se verificou incidência de pragas e doenças dignas de registo.

Concretamente no que diz respeito às tangerineiras, a pressão fitossanitária foi moderada a baixa, condicionada pelas temperaturas mais baixas. Registou-se presença pontual de cochonilhas (principalmente *Planococcus citri*) em níveis baixos, sem necessidade de intervenção generalizada. Observou-se também uma elevada presença de mosca da fruta, com alguns prejuízos relevantes. Relativamente a doenças, foram observados ataques significativos de doenças fúngicas. A ocorrência de antracnose (*Colletotrichum*) afetou significativamente as plantações com alguma gravidade, favorecida pela pouca drenagem de algumas parcelas. Os tratamentos efetuados anteriormente revelaram-se oportunos e eficazes, mantendo a

sanidade do pomar dentro dos níveis considerados normais para a época.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, feno, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, com a precipitação ocorrida as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas e algumas pontualmente melhoradas, apresentavam bastante alimento disponível para os animais em pastoreio direto, em geral pequenos ruminantes. As condições de encharcamento do solo e a precipitação frequente não permitiram a circulação de máquinas agrícolas, pelo que durante o mês, de modo generalizado não se realizaram novas sementeiras de forragens anuais de azevém ou consociações. Muitos produtores ainda não tinham iniciado as sementeiras e outros tinham apenas instalado algumas áreas em outubro e novembro. Há produtores que já não irão semear azevém por ser demasiado tarde. Alguns ponderam fazer forragem de cevada, se houver condições em janeiro. Outros preveem colher forragem de azevém de nascimento espontâneo nas áreas instaladas na campanha anterior, onde houve queda de semente devido à colheita tardia. Nos campos semeados em outubro e em novembro, as plantas apresentavam um desenvolvimento inferior ao esperado, quer devido ao excesso de água no solo, quer pela impossibilidade de circulação de máquinas agrícolas para a realização de adubações. Em terrenos mais encharcados observaram-se manchas com plantas amareladas. Nos terrenos com melhor drenagem as culturas apresentavam bom aspeto vegetativo. As culturas mais adiantadas, semeadas em outubro, apresentavam plantas joelheiras no que respeita a

consociações de gramíneas e leguminosas (aveia, tritcale, ervilha, ervilhaca) e plantas com cerca de 10 a 15cm no que respeita ao azevém.

As condições de alimentação das espécies pecuárias estabuladas, no final do mês eram consideradas normais, muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado, uma vez que o ano permitiu armazenar boa quantidade de fenossilagem e silagem, sendo que alguns produtores terminaram apenas recentemente as reservas do ano anterior.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo muito contido. Denotaram-se condições climáticas muito favoráveis às novas pastagens de sequeiro, instaladas este ano, as quais apresentavam um bom estado vegetativo das gramíneas, especificamente o azevém, com três folhas e os trevos já visíveis. Os prados de regadio apresentavam um bom estado fitossanitário, sem pragas nem doenças e com crescimento vegetativo lento. Estas encontravam-se em repouso, sem pastoreio. No que respeita às culturas forrageiras anuais, especificamente o azevém encontrava-se com um desenvolvimento pouco evolutivo face ao mês anterior (no estágio de duas/três folhas) tendo presentes as condições de encharcamento dos solos, que são inibitórias do crescimento vegetativo das plantas.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, estes mantiveram-se estabulados nesta fase, com regime alimentar à base de forragens conservadas, com um maior contributo de fenossilagem. A ração industrial apenas foi disponibilizada na fase de recria das novilhas/novilhos.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens no geral apresentavam um desenvolvimento normal para a época, encontrando-se ainda numa fase muito inicial. Os prados de regadio encontravam-se com um desenvolvimento mais lento do que o habitual.

O encharcamento dos solos não permitiu a realização de cortes precoces, importantes para promover uma maior qualidade das pastagens. No final do mês ainda foi possível realizar algumas sementeiras de culturas forrageiras anuais, designadamente de azevém. Nos campos mais adiantados previam-se os primeiros cortes em dezembro, no entanto, o desenvolvimento das plantas foi muito lento e o corte foi adiado para janeiro se as condições do tempo e do solo permitirem.

As condições de alimentação dos animais mantinham-se semelhantes às do ano anterior. Os bovinos para carne, no geral, encontravam-se a comer à mão, feno e fenossilagem, sendo nesta fase a principal fonte de alimentação. Os animais que se encontravam em pastoreio nos montados, ainda consumiam alguma bolota disponível. As pastagens não tinham ainda condições para pastoreio, com erva insuficiente. Nas mais desenvolvidas a chuva não permitiu a movimentação dos animais. Nos bovinos de leite, as condições de alimentação eram semelhantes às do ano anterior, com abundância de alimentos conservados, havendo ainda animais a consumir reservas do ano precedente, como silagem de milho e azevém.

Na **Grande Lisboa**, as pastagens permanentes de sequeiro e os prados de regadio apresentaram um ritmo de crescimento muito reduzido, em resultado das condições climáticas registadas. Face a esta situação, foi evitado o pastoreio direto, de modo a preservar o coberto vegetal e manter os prados em adequadas condições vegetativas, assegurando a sua preparação para a entrada dos animais assim que se verifique a subida das temperaturas e a retoma do crescimento. Em resultado do número significativo de dias com precipitação e elevados valores de humidade relativa do ar, que contribuíram para solos encharcados, não foi possível dar continuidade às sementeiras das culturas forrageiras, nomeadamente das consociações, azevém, triticale e aveia. As sementeiras de azevém realizadas no mês anterior apresentavam um desenvolvimento vegetativo reduzido, com uma altura média aproximada

de 10 cm, não se observando, contudo, sintomas de asfíxia radicular à data da avaliação.

As espécies pecuárias, com particular destaque para os bovinos, encontravam-se maioritariamente em regime de alimentação à base de forragens conservadas, nomeadamente fenossilagem. Em comparação com o período homólogo do ano anterior, mantém-se uma situação globalmente semelhante no que respeita ao regime alimentar dos animais.

Na **Península de Setúbal**, analogamente ao verificado no mês anterior, o coberto vegetal encontrava-se no final deste mês e em geral, com muito vigor vegetativo, face às condições climáticas, nomeadamente de precipitação, propícias ao crescimento das espécies vegetais. No entanto, em determinadas zonas a vegetação apresentava-se amarelada e denotando um crescimento lento. As consociações semeadas no início de setembro apresentavam-se com bom desenvolvimento vegetativo, apesar de um pouco amarelecidas, face às baixas temperaturas e precipitação elevada verificadas ao longo do mês. Relativamente ao azevém, a situação era mais favorável, por ser mais resistente a condições adversas. Devido às condições climáticas, concretamente no que diz respeito à precipitação elevada, não foi possível neste mês aumentar a área semeada de culturas forrageiras como estava previsto, nem efetuar o primeiro corte para silagem das forrageiras instaladas mais precocemente, que se previa em meados de dezembro.

Nos solos que permitiam o pisoteio do gado, foi possível o pastoreio direto ao longo do mês, alternado com suplementação de fenossilagem e feno. No caso dos ovinos houve maior cautela no pastoreio, devido às infestantes entretanto surgidas, prejudiciais na sua alimentação. À semelhança do mês anterior, as quantidades de silagem, fenossilagem e feno em reserva permitirão fazer face à alimentação do efetivo pecuário por períodos consideráveis. O elevado aprovisionamento dos suplementos naturais do ano passado permitiu que

nesta fase a alimentação à base de ração industrial, com granulado, tenha sido inferior à da campanha anterior.



Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado

No **Oeste**, em geral não foram realizadas sementeiras de cereais praganosos de outono-inverno durante o mês, designadamente de trigo mole e trigo duro, uma vez que os solos se mantiveram saturados de água, impedindo a circulação de máquinas para a realização das operações agrícolas. Dado que no mês anterior as condições também foram desfavoráveis, no final de dezembro grande parte dos produtores não tinham ainda iniciado as sementeiras. A área já instalada era muito reduzida, correspondendo a sementeiras feitas em outubro ou novembro. O trigo germinou e nasceu bem, mas apresentava um desenvolvimento vegetativo inferior ao normal. Devido a asfixia radicular, algumas searas apresentavam manchas com plantas amarelecidas e outras apresentavam plantas mortas. Na região começa a ser muito tarde para instalação de trigo, designadamente para as variedades de ciclo longo. Há produtores que já não irão instalar a cultura e outros ainda mantêm essa possibilidade se houver condições no mês de janeiro, recorrendo a variedades de ciclo curto. Noutros casos ainda, consideram aumentar a área de cevada, que se instala em fevereiro e março, em substituição do trigo. O tritcale apresentava uma situação semelhante no que diz respeito a área semeada. A aveia na região é semeada mais tarde, normalmente no final de janeiro e em fevereiro.

No **Médio Tejo**, nas áreas já instaladas de trigo mole e aveia, verificou-se pouca ou nenhuma evolução em relação ao mês anterior. As chuvas frequentes e, por vezes, intensas durante o mês comprometeram o andamento regular das sementeiras. Acentuou-se o

atraso na instalação dos cereais praganosos, devendo-se essencialmente às condições climáticas, em especial à precipitação frequente e por vezes forte que não permitiu a entrada das máquinas nos terrenos, encontrando-se os solos muito encharcados. Os produtores aguardavam melhorias para retomar os trabalhos no próximo mês. Prevê-se uma variação negativa das áreas semeadas com cereais praganosos relativamente ao ano anterior. No final do mês verificou-se a instalação de cerca de metade das áreas de trigo e aveia comparativamente a período igual do ano anterior. Quanto à cevada, na região houve poucas oportunidades para realizar as sementeiras, e os produtores aguardam condições mais propícias no próximo mês, após o qual já será considerado fora da época ideal. Nas poucas searas instaladas em novembro, encontravam-se as mais avançadas na fase de afilhamento (5 cm) e com um crescimento regular. Contudo, em algumas zonas mais baixas, sujeitas a encharcamento do solo, observavam-se nas plantas já sinais de asfixia do sistema radicular (plantas amarelecidas).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, à semelhança do mês anterior, a instalação das culturas de cereais praganosos de outono-inverno pouco evoluiu devido à impossibilidade de circulação das máquinas agrícolas no campo. Grande parte destas culturas encontravam-se por realizar, podendo estar em risco a sementeira de trigo mole, devido à previsão de continuidade de chuva em janeiro.

Na **Grande Lisboa**, até ao final do período em análise, não se deu início às sementeiras dos cereais praganosos de outono-inverno, em virtude da impossibilidade de entrada de máquinas agrícolas nos terrenos, os quais se mantiveram encharcados ao longo do mês. Prevê-se o início da instalação destas culturas assim que as condições climáticas e o estado físico do solo o permitam, garantindo a realização das operações em condições técnicas adequadas. Antecipam-se, contudo, reduções na área semeada, motivadas sobretudo por constrangimentos de ordem económica, nomeadamente pelos baixos preços pagos à produção, que têm vindo a

registar uma tendência decrescente e se revelam insuficientes para cobrir os custos de produção. Este enquadramento económico poderá conduzir, a médio prazo, ao abandono progressivo da prática destas culturas por parte dos produtores.

Na **Península de Setúbal** as condições climáticas que ocorreram ao longo do mês não permitiram a realização de sementeiras de cereais de pragana. Em janeiro e se as condições climáticas permitirem, eventualmente poderão ser efetuadas sementeiras de culturas de ciclos mais curtos, para grão ou para feno.



Culturas arbóreas, nomeadamente pomares de citrinos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Citrinos

No Oeste, os pomares de limão apresentavam um bom estado vegetativo. Nesta altura do ano, devido às temperaturas, encontra-se parado o desenvolvimento das árvores que estão a iniciar o repouso vegetativo, o qual durará até março ou abril, altura em que se iniciará um novo ciclo com novas rebentações e floração. Os pomares apresentavam uma boa quantidade de frutos, uns em desenvolvimento e outros maduros, tendo sido realizadas colheitas durante o mês, produção resultante da floração de primavera. É considerado um bom ano de produção, com uma quantidade semelhante à do ano anterior e boa qualidade dos frutos, com bom calibre.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se com frutos já maduros, tendo sido iniciada a colheita no final de dezembro. Os frutos mais jovens, verificavam-se alguns ainda verdes e outros em mudança de cor, a amarelecer. Prevê-se nesta campanha uma maior produtividade, pela floração ter sido visivelmente mais abundante e com um maior número de frutos comparativamente a igual período do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, com as temperaturas baixas e humidade elevada, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), não apresentaram novas rebentações. O excesso de água no solo provocou o amarelecimento da folhagem em algumas zonas de pomares. Como já referido, confirma-se uma produtividade bastante menor do que no ano anterior. As adubações foliares efetuadas em novembro favoreceram a qualidade dos frutos, com aumento dos calibres. No entanto, regista-se uma menor qualidade comparativamente ao ano passado.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiros observou-se o início gradual da mudança de coloração dos frutos para tons amarelados, processo que ocorreu de forma lenta, mas que permitiu dar início às operações de colheita.

Na Península de Setúbal, nos pomares de limoeiros as condições climáticas não prejudicaram o desenvolvimento e a colheita dos frutos, que se efetuou ao longo do mês, com frutos de boa qualidade e calibre, sem problemas fitossanitários assinaláveis, devendo prolongar-se durante o mês de janeiro e prevendo-se uma nova colheita em meados do próximo ano.

Relativamente às tangerineiras, encontravam-se em fase final de maturação dos frutos. As árvores apresentavam bom estado vegetativo, com copas equilibradas, abundância de folhas, predominantemente verde-escuro, sem sinais generalizados de queda prematura de folhas, com boa uniformidade entre plantas, tanto em parcelas jovens como em pomares em plena produção. O crescimento vegetativo encontrava-se praticamente cessado, típico do período, com a energia da planta direcionada para o enchimento final e maturação dos frutos. A colheita deverá iniciar-se em meados de fevereiro, se tudo decorrer conforme expectável. A produção apresenta boa qualidade, com calibres acima do valor comercial, coloração uniforme e bons teores de *brix* e de acidez. As perspetivas globais apontam para uma produção semelhante ou ligeiramente superior à do ano anterior, tanto em

quantidade como em qualidade, não se estimando quebras significativas associadas a fatores climáticos ou fitossanitários.

Olival

No Oeste, as baixas temperaturas associadas à forte precipitação reduziram a taxa de crescimento vegetativo e de novas rebentações nas oliveiras. Verificou-se com regularidade excesso de água no solo e/ou diminuição da sua temperatura, o que provocou nos olivais que registaram maior produtividade, presentes em solos desequilibrados e/ou mal drenados, descoloração foliar devido a carências ou desequilíbrios nutricionais característicos dessas condições, favorecidas por alguma asfixia radicular pontual. Terminada a colheita, nos olivais foram realizadas podas durante o mês, cujo material vegetal é queimado ou triturado no local, com exceção de madeiras de maiores dimensões, aproveitadas pelos produtores.

A maioria dos lagares da região tinham terminado a sua atividade de extração de azeite ou a mesma manteve-se com azeitonas produzidas em outras zonas do país. Finalizaram a sua campanha de laboração com a limpeza geral e manutenção de todas as áreas e equipamentos afetos a esta atividade. A campanha regista uma ligeira diminuição da quantidade de azeitona colhida em relação ao ano anterior. No decorrer da colheita verificou-se um aumento progressivo do rendimento em azeite, ao contrário da qualidade obtida que foi diminuindo devido aos problemas fitossanitários. No entanto, de um modo geral foi um ano excecional e de elevada qualidade dos azeites. Em termos médios a funda oscilou entre 13% e 14%, ligeiramente acima da campanha anterior.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais, a colheita encontrava-se totalmente concluída no final do mês. Conclui-se que esta campanha foi em termos quantitativos significativamente superior à do ano anterior, principalmente pela maior produtividade da azeitona para azeite, destacando-se especialmente nas variedades mais tardias e de montanha como principais

responsáveis por esse aumento. Confirma-se uma regularidade do rendimento médio em azeite ao longo da campanha, posicionando-se entre os 11% e 12%. De uma forma geral este foi um ano de elevada qualidade dos azeites obtidos. Os olivais intensivos de regadio encontravam-se com a colheita praticamente finalizada. A produtividade nestes olivais de regadio verificou-se ligeiramente inferior à do ano anterior, mas acima do previsto inicialmente, pelo facto da azeitona se ter mantido em boas condições fitossanitárias até mais tarde do que o habitual e ter permitido uma maior quantidade de azeitona transformada. No entanto, é estimada uma maior quantidade de azeite comparativamente à campanha anterior pelo maior rendimento médio de azeitona em azeite, que rondou os 14%. A qualidade do azeite foi muito boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, em meados do mês a colheita ficou terminada. Os olivais estavam a entrar em dormência vegetativa no final de dezembro. Com a precipitação frequente não tinha sido ainda possível realizar tratamentos pós-colheita. As operações de poda estão previstas realizar nos meses de janeiro e fevereiro. Nas variedades mais tardias verificaram-se produtividades acima do esperado, pelo que na globalidade se regista uma produtividade média superior à da campanha anterior. Embora a qualidade da azeitona tenha diminuído ao longo do mês, confirma-se a previsão de um bom ano de produção de azeite, de qualidade muito superior à da última campanha, com a maior parte dos azeites produzidos classificados como virgem extra. O rendimento médio da azeitona em azeite rondou os 14%, verificando-se uma maior produção de azeite relativamente à campanha anterior.

Na Grande Lisboa, a apanha da azeitona deu-se por concluída em outubro, tendo ficado alguns olivais por colher devido à azeitona não estar em boas condições, sobrematurada, picada e com gafa. Tal como referido em relatórios anteriores "(...) a produtividade foi ligeiramente superior relativamente à campanha anterior.

Quanto à qualidade, esta foi aceitável, sendo que a azeitona colhida antes das primeiras chuvas foi melhor do que a colhida no final do mês. Relativamente ao rendimento da azeitona, registam-se valores muito próximos dos obtidos na campanha anterior, apesar do interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir entre junho e agosto face a um ano dito normal."

Com o término da campanha de 2025, os produtores procederam à gestão dos resíduos de poda, aproveitando as madeiras de maior dimensão resultantes das intervenções realizadas para facilitar a colheita. Paralelamente, a maioria dos lagares concluiu a sua atividade de extração de azeite. A campanha de laboração foi finalizada com operações de limpeza geral e manutenção de todas as áreas e equipamentos afetos ao processo produtivo.

Considerando que a totalidade dos olivais da região já se encontra colhida, conclui-se que a campanha de 2025 registou uma ligeira diminuição de produção. Esta redução refletiu-se num aumento progressivo do rendimento em azeite ao longo da campanha, em contraste com uma ligeira diminuição da qualidade, ainda que, de forma global, o ano tenha sido considerado excecional, com obtenção de azeites de elevada qualidade. O teor médio de gordura situou-se entre os 13% e os 14%, valor ligeiramente superior ao registado na campanha anterior.

Na Península de Setúbal mantém-se o referido no relatório de novembro: *"A colheita da azeitona para azeite, que se tinha iniciado na segunda quinzena de outubro, terminou no final deste mês. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, muito boa, sem incidências de mosca da azeitona. Após a ocorrência de precipitação verificou-se alguma presença de gafa, mas pouco significativa. A produtividade e rendimento foram superiores à campanha anterior, bem como a qualidade do azeite produzido. O rendimento na extração para azeite registou valores de 12% e 13% no início da campanha e*

de 9% no final, devido ao efeito da precipitação na qualidade da azeitona colhida."

9 de janeiro de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	19,6	18,7	19,2	18,8	19,5	20,1	19,1	19,7	19,3	19,2
Dia	14	6	6	8	5	7	6	5	5	13
Valor médio da temperatura máxima (°C)	15,9	15,1	15,5	15,6	16,1	15,9	15,1	16,1	15,4	15,8
Temperatura máxima normal para a época (°C)	16,1	—	14,8	15,4	16,1	16,2	15,3	16,0	—	15,4
Temperatura mínima (°C)	0,2	2,4	1,0	5,0	0	0,4	0,9	-1,3	-2,2	-0,6
Dia	31	26	26	27	27	26	26	26	26	27
Valor médio da temperatura mínima (°C)	6,1	7,3	7,3	9,8	6,7	6,5	7,3	5,4	5,0	5,0
Temperatura mínima normal para a época (°C)	5,2	—	6,3	9,4	6,3	6,3	7,0	4,6	—	4,1
Temperatura média normal para a época (°C)	10,6	—	10,5	12,4	11,2	11,2	11,1	10,3	—	9,8
Horas de frio acumuladas	260	196	209	105 ^(b)	202	273	189	339	359	409
Rajada máxima de vento (Km/h)	55,8	72,4 ^(a)	73,1	72,0	58,0	58,0	72,4	81	c)	42,1
Dia	16	16 ^(a)	16	16	16	21	16	16	c)	16
Número de dias com precipitação	22	26	26	19	20	28	20	22	21	23
Precipitação acumulada no mês (mm)	228	194	191,9	161,2	149,6	148	126	141,2	159,4	119,9
Precipitação normal para a época (mm)	104,4	—	86,8	108,5	102,5	77,1	80,8	67,1	—	85,2
Precipitação diária máxima no mês (mm)	33,9	37,8	33,1	38,6	50,0	51,0	30,3	41,8	38,8	24,4
Dia	15	9	9	9	9	9	12	12	9	12
Humidade relativa média diária mínima (%)	55	71 ^(a)	79	69	74	92	73	75	73	78
Humidade relativa média diária máxima (%)	92	98 ^(a)	98	100	93	100	97	100	97	99
Humidade relativa média (%) do mês	84	85 ^(a)	89	90	85	98	86	90	89	91

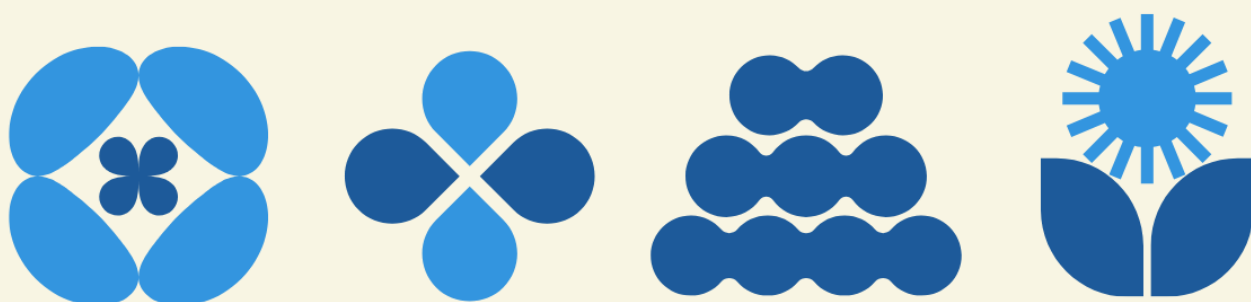
Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

- a) Falha de dados nos dias 6 e 7.
- b) Dados registados na estação meteorológica da Tapada da Ajuda.
- c) Falha de dados entre os dias 1 a 10.

— Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT